



**UNIVERSIDADE FERERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAUDE
UNIDADE ACADEMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO COM FOCO EM
ENSINO-APRENDIZAGEM**

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO CONSTRUTIVISMO: UM
ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CORONEL EZEQUIEL - RN**

MARIA DE FÁTIMA COSTA

CUITÉ PB

2011

MARIA DE FÁTIMA COSTA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO
CONSTRUTIVISMO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE
CORONEL EZEQUIEL - RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentada ao Curso de Especialização em Educação com o foco em Ensino Aprendizagem da Universidade Federal de Campina Grande, como um dos requisitos para obtenção de título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Msc. Jair Stefanini P. de Ataíde

Cuité-PB

2011



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

C837a Costa, Maria de Fátima.

Alfabetização na perspectiva do construtivismo: um estudo no Município de Coronel Ezequiel - RN. / Maria de Fátima Costa – Cuité: CES, 2012.

41 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação com Foco Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2012.

Orientador: Jair Stefanini Pereira de Ataíde.

1. Educação infantil - alfabetização. 2. Construtivismo – método fônico. 3. Educação – alfabetização. I. Título.

CDU 37.046.12

MARIA DE FÁTIMA COSTA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO
CONSTRUTIVISMO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE
CORONEL EZEQUIEL - RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentada ao Curso de Especialização em Educação com o foco em Ensino Aprendizagem da Universidade Federal de Campina Grande, como um dos requisitos para obtenção de Título de Especialista em Educação.

Aprovada em _____ de _____ de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Jair Stefanini Pereira de Ataíde (Orientador)
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Msc. Lauro Pires Xavier Neto (Titular - Interno)
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Msc. Caroline Zabdenzala Linheira (Titular - Interno)
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Msc. Leticia Caporlingua Giesta (Suplente)
(UFCG/CES/UAE)

UFCG/BIBLIOTECA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais:

Benedito e Mercês (*in memorian*) que sempre me incentivaram ao meu saber.

Ao meu filho Matheus e esposo Trajano Neto que apesar das circunstâncias acreditaram no meu desempenho.

AGRADECIMENTOS

- A Deus por ter me dado esta oportunidade.
- A UFCG, campus Cuité, onde encontrei um ambiente acolhedor e com ótima infraestrutura.
- Aos professores, especialmente a Jair Stefanini, meu orientador que com tanta presteza e atenção colaborou nesta monografia, ao professor Doutor André Martins que incentivou toda turma, que com seu jeito manso e humilde sempre colaborou, dando palavras de incentivo para que chegássemos ao fim do nosso curso. Que Deus o abençoe grandemente.
- E sem esquecer a amiga Iraneide, pela sua disponibilidade, paciência, empréstimo de livros, e palavras de encorajamento. Meu muito obrigada.

COSTA, Maria de Fátima. **Alfabetização na Perspectiva do Construtivismo: um estudo de caso.** Monografia de conclusão de curso de Especialização em Educação. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2011.

RESUMO

Para compreendermos de que maneira as escolas de Educação Infantil devem dar conta dos desafios da educação contemporânea, buscamos identificar as correntes construtivistas ou método fônico de alfabetização adotado pelos professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Coronel Ezequiel – RN. O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar as metodologias adotadas pelos professores da Rede Municipal de Coronel Ezequiel – RN, quando alfabetizam crianças. Participaram da pesquisa 18 professores de diversas escolas. A técnica escolhida para a metodologia foi o uso de um questionário semiestruturado no qual permitia que ao final os professores pesquisados expusessem sua opinião. Tivemos como resultado parcial que alguns professores adotam o método fônico como importante ferramenta de aprendizagem enquanto outros professores são adeptos ao construtivismo. Dessa forma, verificamos que as escolas de Educação Infantil de Coronel Ezequiel – RN são adeptas do método de alfabetização fônico (tradicional) e do Construtivista como parte integrante do processo de ensino aprendizagem sem grandes dificuldades para os estudantes.

Palavras-Chave: Construtivismo, Método Fônico, Educação Infantil, Alfabetização.

COSTA, Maria de Fátima. **Literacy in the Perspective of Constructivism: a case study**. Monograph of completion for Expertise in Education. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2011.

ABSTRACT

To understand how the preschools should address the challenges of contemporary education, we seek to identify the constructivist or phonics literacy adopted by the kindergarten teachers of the Municipal Colonel Ezekiel - RN. The overall objective of this research was to investigate the methods adopted by teachers of the Municipal Colonel Ezekiel - RN when alphabetized children. 18 teachers participated in the study of various schools. The technique chosen for the methodology was the use of a semi-structured questionnaire in the end which allowed the teachers surveyed expose their opinion. We as a partial result that some teachers adopt the phonics as an important learning tool while other teachers are adept constructivism. Therefore, we observe that the preschools of Colonel Ezekiel - RN are adept of the phonic method of teaching literacy (traditional) and as part of constructivist teaching-learning process without major difficulties for students.

Keywords: Constructivism, phonics, Early Childhood Education, Literacy.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	01
ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA.....	01
CAPÍTULO 1.....	04
CONSTRUTIVISMO.....	04
CAPÍTULO 2.....	17
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	17
CAPÍTULO 3.....	20
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
CAPÍTULO 4.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
ALGUMAS SUGESTÕES.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
ANEXOS.....	29

Lista de Fotos

- FOTO 1:** Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes Coronel Ezequiel – RN.....18
- FOTO 2:** Centro Educacional Infantil Mundo Mágico Coronel Ezequiel – RN.....18
- FOTO 3:** Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Joaquim Coronel Ezequiel – RN.....18
- FOTO 4:** Sala de aula do Centro Educacional Infantil Mundo Mágico Coronel Ezequiel – RN18
- FOTO 5:** Vista do Centro da Cidade de Coronel Ezequiel – RN.....19

Lista de Figuras

Figura 1 – Treino das Famílias Silábicas.....	20
Figura 2 – Realização de cópias de Textos.....	21
Figura 3 – Liberdade dos Alunos usarem a Criatividade.....	21
Figura 4 – Rendimento Quando se manipula materiais.....	22
Figura 5 – Adoção de ditado de Palavras nas Turmas.....	22
Figura 6 – Leitura e Relato de Histórias pelos Alunos.....	22
Figura 7 – Utilização do Alfabeto Móvel para Formação de Palavras.....	23
Figura 8 – Análise da Escrita no Início das Aulas.....	23
Figura 9 – O Ensino Tradicional como Resultado Positivo.....	24
Figura 10 – A Importância da Memorização dos nomes das letras do Alfabeto.....	24

INTRODUÇÃO

ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA

Ao longo dos anos, denotamos que as políticas públicas educacionais não proporcionaram resultados significativos na estrutura do sistema educacional brasileiro. Tal fato nos disponibiliza um enorme contingente de analfabetos em consequência da ausência de ações sérias e concretas em favor da aprendizagem da leitura e da escrita em nosso país.

A falta de investimentos educacionais nos proporcionou baixos índices de aprendizagem da leitura e da escrita indicados pelo SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico), bem como o último lugar na classificação do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) no ano 2000 (MORAIS, 2009).

Em 2006 o PISA foi aplicado em cinquenta e sete (57) países e o Brasil ocupou o quarto pior lugar. Atualmente, o Brasil aparece entre os três países que mais evoluíram na educação básica entre os anos de 2000 e 2010. Segundo o ministro Fernando Haddad (2010) diversos fatores produziram esses resultados, entre eles: o crescimento do investimento em educação, o foco na aprendizagem das crianças e definição de metas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) por escolas. A Olimpíada Brasileira de Matemática das escolas públicas (OBMEP) também é responsável pelo impacto positivo nos resultados em sua avaliação. Para o ministro “O Sistema Educacional Brasileiro está reagindo aos estímulos”. Haddad (2010) enfatiza os avanços obtidos no último triênio e afirma:

“A meta para 2012 é subir mais 16 pontos e chegar a 417 (estamos com 401 pontos atualmente). Para alcançar essa meta, é prioritário investir em educação infantil e na valorização do magistério, em formação e remuneração” (Haddad, 2010, p. 3).

Segundo o IBGE, 9,6% da população brasileira acima de 15 anos é analfabeta (censo 2010). O que há de bom, é uma redução de 4% do analfabetismo comparados ao censo de 2000. A maior concentração de analfabetos está na região Nordeste que, sozinho, concentra 53,3% (7,43 milhões) do total de brasileiros que não sabem nem ler nem escrever. Contudo, esse percentual é maior do que em

2000, quando tínhamos 51,4%. O Estado com o maior nível de analfabetismo do Brasil é Alagoas onde, 24,3% dos habitantes (537 mil em 2,21 milhões) são analfabetos.

A região Centro-Oeste, no entanto, continua com o menor total de analfabetos dentre todos os habitantes do país – 5,5% e, a região Sul apresenta o menor índice de analfabetos entre a própria população, com 5,1% (índice que era de 7,7% há dez anos). O Distrito Federal continua como a unidade da Federação com a menor taxa: 3,5% (Censo de 2010).

Já foram feitas inúmeras pesquisas, buscando entender as razões do chamado fracasso no que se refere à aprendizagem da leitura e escrita. Como exemplos citamos: (SANTOS, *et. al.*, 2009; BERNARDINO, 2007; ZUCOLOTO e SISTO, 2002; BAZI, 2000).

De maneira geral, as pesquisas apontam que o problema do fracasso na alfabetização está dividido entre as famílias – vistas como descomprometidas com a educação dos filhos -, e a escola – através da professora apontada como desatualizada ou tradicional (MORAIS, 2009).

O problema desta análise é que redonda numa simplificação do objeto em questão. Pois, o que temos é a inexistência da figura das políticas públicas como elemento partícipe da produção do chamado fracasso escolar. No qual, a falta de políticas educacionais sérias que caminhem não apenas para a mera constatação dos problemas, mas que apontem propostas para a superação dos aspectos que produzem o fracasso; parece estar longe de acontecer. Necessitaríamos garantir uma escola de qualidade para as crianças e jovens, especialmente aquelas camadas mais pobres da população. É preciso resolver as más condições físicas das escolas, falta de professores, ausência de segurança, a falta de bibliotecas, entre outros.

Apesar de ser ainda uma concepção hegemônica, é evidente que alfabetizar não é ensinar a decodificar letras e sons. A alfabetização ocorre permanentemente e, segundo Paulo Freire *apud* MORAIS e ARAUJO (2010), a

alfabetização deve levar em consideração a leitura do mundo que implicará na leitura da palavra e, é leitura da palavra que provoca e amplia leitura do mundo.

O problema do analfabetismo sempre teve um forte apelo político, sendo um tema educacional e social que sistematicamente retorna à agenda pública, apesar de oscilar na escala de prioridades dos governos e de organismos internacionais. Frequentemente é tomado como indicador de desenvolvimento, associado a uma grande variedade de problemas sociais, econômicos e políticos, como a criminalidade, o desemprego, a explosão de natalidade ou as instabilidades da democracia.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é investigar as concepções e práticas pedagógicas adotadas pelos professores quando alfabetizam crianças, como também identificar as correntes construtivistas ou o método fônico de alfabetização adotado pelos professores do município de Coronel Ezequiel - RN. Tendo como justificativa, esclarecer funções, benefícios e estratégias da corrente construtivista, visando uma melhoria na relação ensino aprendizagem.

CAPÍTULO 1

CONSTRUTIVISMO

Neste capítulo dispomos discutir um pouco sobre o construtivismo no qual deixamos claro que não é um método e sim uma das corrente teóricas empenhada em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio.

Neste contexto a função da escola, não é somente ensinar a ler e passar de ano, mas um espaço alfabetizador, que deve introduzir as funções sociais da escrita, cabendo aos professores ler e escrever textos significativos e não apenas leituras de cartilhas e exercícios de cópias memorizadas. Diante disso a criança tem contatos com a leitura e com a escrita, chegando à escola mais “madura” ou pronta para aprender a ler. A escola deve fornecer um rico ambiente alfabetizador com diversidade de textos e de situação de ensino e aprendizagem.

O linguista Luiz Carlos Cagliari (2003), faz uma menção bastante enfática e até emocionante em relação à alfabetização: *“A alfabetização é o momento mais importante na formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da história da humanidade”*. Para nós professores dos anos iniciais é de grande profundidade e grande responsabilidade estas palavras porque é nesta fase que a criança constrói toda sua estrutura para ser um verdadeiro leitor.

Na perspectiva de Marlene Carvalho (2010), ser professor construtivista certamente não é deixar os alunos produzindo apenas escritas espontâneas. A intervenção para ajudar o aluno (independente da faixa etária) é entender o sistema de escrita que é fundamental e pode ocorrer por práticas pedagógicas experimentadas e aprovadas; tais como: leituras, seminários e encontros com professores levando oportunidades de formação para melhor se interar com o ensino aprendizagem.

“... Não há método de alfabetização construtivista. A pesquisadora Emília Ferreiro, discípula de Jean Piaget, pesquisou longamente como a criança aprende o sistema de escrita. Afirma que as crianças moradoras de ambientes urbanos, antes mesmo de entrar na escola, observam as escritas existentes ao redor, procuram compreender como funcionam a escrita. Fazem tentativa de escrever, se houver condições para a tal. Aquelas que lidam com livros, cartazes, embalagens, outros materiais escritos, e, além disso, tem a mão lápis e papel costumam imitar a escrita dos adultos (letra cursiva) ou de impressos (letra de imprensa). É como se brincasse de escrever, fazendo o que os adultos descrevem como rabiscos, garatujas, “cobrinhas” ou “capinzinhos”. Crianças que tem adultos alfabetizados à sua volta precisam de que a escola lhe mostre que a escrita serve para outros fins que não apenas “passar de ano”. “Devem ser introduzidas as funções sociais da escrita, lendo e escrevendo textos significativos, e não apenas limitados à leitura das cartilhas e aos exercícios de cópia” (CARVALHO, 2010, p. 77-78).

Piaget foi o precursor da teoria do construtivismo. A partir de suas pesquisas, ele entendeu que o conhecimento se constrói por etapas e que o sujeito é o sujeito do conhecimento, porque a partir de suas histórias, daquilo que traz, das informações do meio a criança vai construindo seu mundo físico e social. Para Piaget (1971), o sujeito é cognitivo, porque a inteligência, o pensamento e razão é como se fosse o vagão da frente que puxa o trem do desenvolvimento. Segundo ele esta corrente é:

“Epistemologia genética, a formulação teórica associada ao nome Jean Piaget, consiste na explicação da gênese do pensamento da criança desde o seu nascimento. Mediante entrevistas clínicas com crianças e adolescentes suíços. Piaget chegou à conclusão de que o ser humano não nasce inteligente, diferentemente, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar seu próprio conhecimento” (WADSWORTH, 1993, *apud.* SANTOS, 2007 p.27).

Segundo Sônia Kramer (2010):

“Piaget entende que o pensamento, o raciocínio, as estruturas lógicas é que fazem com que o sujeito seja capaz, ou não, de compreender a linguagem que vem do exterior. Assim, é no momento do desenvolvimento da criança que determina que ela internalize ou não aquele dado que vem de fora”. (KRAMER, 2010 p. 120).

Para Piaget as teorias de assimilação como o indivíduo aprende, destacam-se em quatro conceitos: a) esquemas, b) assimilação, c) acomodação, d) equilíbrio. Todas estas abordagens coincidem com a corrente construtivista.

O desenvolvimento intelectual, segundo a psicologia genética se reconstrói de acordo com diferentes estágios e Piaget identificou estes estágios e denominou-os de: Sensório Motor (0 a 2 anos), Pré Operatório (2 a 7 anos) e o

Operatório; este subdividido em dois: Operatório Concreto (7 a 11 anos) e o Operatório Formal (a partir de 12 anos). Esses estágios correspondem às formas diferentes da organização mental e da estrutura cognitiva e essa estrutura tem haver em como a criança tem de se relacionar, atuar e compreender a realidade. É assim que a criança constrói seu aprendizado (PIAGET, 1997, *apud.* SANTOS, 2007).

Neste contexto, Piaget concluiu e, em consequência, elaborou uma teoria do conhecimento e não uma metodologia de ensino. As pesquisas dele receberam diversas interpretações que se transformaram em metodologias diversificadas.

“Após a explicação da teoria de Piaget, vale ressaltar que este não criou uma metodologia de ensino, mas ao contrário, ele elaborou uma teoria do conhecimento e desenvolveu muitas pesquisas cujos resultados são utilizados por psicólogos e pedagogos” (DE LA TAILLE, 1992. *apud.* SANTOS, 2007 p. 29-30).

Segundo SANTOS (2007), os problemas de ensino não é a principal preocupação de Piaget, mas que implica diretamente no ensino como: a) as habilidades das crianças devem ser levadas em considerações; b) as atividades de grupos que desenvolvem cooperação e discussão são importantes e deveriam abranger uma parte significativa do dia-a-dia escolar; c) a sala de aula deveria ser arrumada e equipada de modo a favorecer um currículo orientado para atividades; d) o clima dentro da sala de aula deve ser de liberdade e espontaneidade; e) a tarefa do professor é de facilitar, não apenas de transmissor de conhecimento; f) planejamento estratégico, o professor é quem interpreta as metas gerais e diretrizes curriculares; g) a interpretação social e trabalhos pode ser realizada como projetos de grupos, resoluções de problemas, desempenho de papéis e debates em classes.

“Depreende-se da leitura de Charles (1991) que a principal preocupação de Piaget não são os problemas de ensino, no entanto, suas idéias são de fundamental importância à educação. Segundo o autor, os estudos realizados por Piaget implicam também no ensino” (SANTOS, 2007, p. 30).

Além de Piaget, tiveram formulações próprias a respeito do construtivismo: Vygotsky, Luria, Leontiev, Wallon e Nuttin no qual, redefiniram a teoria (SANTOS, 2007).

Portanto a terminologia do termo construtivismo surgiu no final da década de 60 com estudos realizados por Piaget que procura basicamente explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio que o desenvolvimento da

inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio (BOUDOURIDES, 2005, *apud*. SANTOS, 2007).

“Assim é oportuno apresentar uma definição sólida de construtivismo livrando o leitor dos maus-entendimentos encontrados em algumas teorias mal-compreendidas e insuficientes para fundamentar e orientar uma práxis pedagógica” (BOUDOURIDES, 2005. *apud*. SANTOS, 2007. p. 24).

O construtivismo tem seu ponto central na interação do aluno e a produção do seu próprio saber; fundamentando-se que o sujeito é o centro do seu percurso em direção ao conhecimento. Já para Newton Duarte...

“O construtivismo, fiel ao princípio interacionista, procura demonstrar, ao contrário das demais tendências, o papel central do sujeito na produção do saber. O construtivismo tem como pressuposto fundamental que o indivíduo é o centro do seu próprio percurso em direção ao conhecimento” (ROSA, 1998, *apud*, SANTOS, 2007, p. 24).

Na visão de ROSA (2007), ela faz uma crítica a respeito do contingente de alunos que abandonam a escola ou repetem de séries iniciais, devido ao processo cansativo de memorização e mecanização dos conteúdos levando a desistência de seus estudos.

Estudiosos como Collares (1999) e Leite (1998) afirmam que “consideram o fracasso escolar como um fenômeno complexo, causado tanto por fatores intra como extra-escolares”. Com isso, os autores aconselham aos professores a atuar no sentido de promover o aprender a aprender, ou seja, uma aprendizagem construtivista (SANTOS, 2007). Ainda segundo a autora, atualmente a ideia de construtivismo é de que nada está pronto, nem acabado. O conhecimento não é dado e sim interagido com o meio físico e social e não tem relação com hereditariedade. Há tempos atrás que para aprender a ler era necessário saber juntar uma letra a outra e/ou conhecer o valor sonoro de cada letra. Nos dias atuais faz-se necessário conhecer as características da linguagem escrita que varia de acordo com o gênero textual.

Diante dessa realidade essa evolução que muitos professores continuam alfabetizando pelo método tradicional no qual apenas reproduz-se a sequência que está na cartilha: cópias, treinos das famílias silábicas, leituras descontextualizadas, onde estas atitudes não leva a um aprendizado significativo à criança.

No início do processo de alfabetização, a escola deve conscientizar-se que a criança aprende também fora da sala de aula. Nos primeiros anos de escola a criança acredita que a escrita está ligada a desenhos, em seguida compreende que é preciso usar letras e esse estágio é de muita importância. Quando se ler textos verdadeiros como livros, jornais e revistas é que a criança vai se aprofundando no conhecimento a respeito da ortografia e pontuação. Muitos professores são sabedores disso, contudo, infelizmente isso não se reflete na sua prática de sala de aula.

Segundo Rapoport (2009), a criança quando faz seus desenhos, suas garatujas expressam suas ideias, sentimentos, interesses, desejos e necessidades, ela já tem consciência dos seus significados e sentidos da linguagem e envolvendo dimensões representativas reconhece que essa linguagem é um dos principais elementos mediadores nas relações sociais. Fazendo necessário que essa escola propicie um ambiente alfabetizador que lhe possibilite interagir com diferentes portadores de textos, vivenciar as diversas linguagens, refletindo sobre a função de cada uma delas.

"Os espaços e tempo escolares precisam ser organizados em rotinas flexíveis que viabilizem a livre expressão, o acesso a diferentes materiais e a vivência de experiências individuais e coletivas, livres e dirigidas" (Rapoport, 2009 p.45).

Alguns alfabetizadores tornam-se construtivistas simplesmente por informações fragmentadas dessa corrente. O trabalho de Emília Ferreiro, que foi aluna de Piaget e orientanda no seu doutorado, faz compreender o construtivismo que é o norte para desenvolver o construir do aluno, pois é um trabalho sério e inteligente. E para ser um professor construtivista, tem que, acima de qualquer vontade, entender e compreender a teoria do construtivismo. Com a moda dessa corrente, muitos acham que resolve o problema da alfabetização descartando a cartilha e seguindo o "construir" do aluno.

"Das pesquisas, estudos e propostas que se referem à alfabetização, ao professor, muitas vezes, chegam apenas informações fragmentadas, por leituras viesadas. Não basta, portanto, querer que os professores passem uma borracha em sua história profissional e mudem de repente sua prática, como se 'uma palavra de ordem' fosse suficiente, para que, da noite para o dia, todos 'virassem construtivistas' 'como reza a moda atual'". (MARTINS, 1994 p. 43).

Emília Ferreiro fez inúmeras pesquisas no qual revelaram os processos de aprendizado das crianças e ela constatou uma sequência lógica básica na faixa de 4 a 6 anos. Dentre seus trabalhos, o que ganhou mais notoriedade em relação a essas descobertas foi: A Psicogênese da Língua Escrita, juntamente elaborado pela espanhola Anna Teberosky. No qual concluíram que a criança constrói hipóteses ao longo de seu percurso evolutivo. Nessa evolução, de aprender a ler e escrever, a criança passa por quatro fases de desenvolvimento que são:

Fase 1 – hipótese Pré-Silábica: a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada e se agarra a uma letra mais simpática para escrever. Ex: A palavra Marcelo sendo escrita como MMMM ou AAAAA.

Fase 2 – hipótese Silábica: A criança supõe que a escrita representa a fala, supõe que a menor unidade de uma palavra seja uma sílaba, em frases a criança pode escrever uma letra para cada palavra.

Esta fase pode ser dividida em duas sub-divisões: **Silábica com valor sonoro e Silábica sem valor sonoro.** A silábica com valor sonoro, a criança usa as letras que realmente pertencem às sílabas da palavra. Ex: BOLT para Borboleta, CVL para cavalo, SO para sapo, GS para giz. Para a Silábica sem valor sonoro, a criança tende a estabelecer uma correspondência sistemática entre a quantidade de letras utilizadas e a quantidade de sílabas que deseja escrever, embora sem o valor correspondente. Ex: EINM para borboleta, AI para gato, IAO para sapo, PAIE para cão.

Fase 3 – hipótese Silábico-Alfabético: Se nota que este é período de transição. A criança trabalha simultaneamente com duas hipóteses diferentes. A escrita apresenta sílabas completas e sílabas representadas por uma só letra. Ex: BOBLET para borboleta, CAVLO para cavalo, SAP para sapo, PE para pé.

Fase 4 – hipótese Alfabética: Os alunos tendem inicialmente a representar as sílabas com uma estrutura consoante-vogal e gradativamente começa a incorporar os conhecimentos de que as regras grafofônicas são ortográficas e não fonéticas. A criança compreende a escrita como função social e não apresenta problema de escrita no que se refere ao conceito.

Para que se colham frutos em relação ao trabalho de Emília Ferreiro, se faz necessário seguir alguns procedimentos. E o primeiro é sondagem na sua sala de aula; essa sondagem diagnóstica é um dos recursos que o educador dispõe para detectar a hipótese do aluno sobre o processo de alfabetização. Para fazer essa sondagem, pedimos para cada aluno escreverem quatro palavras na seguinte ordem: 1 polissílaba, 1 dissílaba, 1 trissílaba, 1 monossílaba. Sendo que estas palavras devem ser do mesmo grupo semântico. Ex: se o primeiro nome for de animal, todos os demais serão animais; ou se o primeiro for de fruta, todos os demais serão de frutas. Quando isto for feito, em seguida pede para eles (os alunos) criarem uma frase com uma das palavras utilizadas, assim observando se há estabilidade na escrita. Quando o aplicador encontrar dificuldades para ler o que foi escrito peça para que ele leia apontando a escrita.

Podemos fazer agrupamento com os alunos da seguinte forma: aluno *silábico* sem valor sonoro com outro *silábico* com valor sonoro; aluno *silábico* com valor sonoro, mas que tenha pouco repertório de letras com outro aluno *silábico* com valor sonoro com rico repertório de letras; aluno *Pré-silábico* com aluno *silábico* sem valor sonoro; aluno *silábico-alfabético* com aluno *alfabético*.

Quanto às atividades relacionadas a cada fase, podemos realizar da seguinte forma:

Pré-silábico – Jogos com alfabeto-móvel (separar e agrupar letras iguais, formar o próprio nome, os nomes dos colegas...) desenho livre, pintura, modelagem, recorte e colagem, dobradura.

Silábico – Analisar a palavra em sua quantidade de letras (inicial e final), distinção de letras do alfabeto (bastão e cursiva), familiarizarem-se com os aspectos sonoros das letras através das iniciais de palavras significativas, relacionar discurso oral e texto escrito, distinguir imagem de escrita.

Silábico-alfabética – jogos de palavras secretas, jogos de caixinhas ou envelope, detetive ou salada de frutas, cruzadinhas, frases coletivas ou individuais, frases enigmáticas, força.

Alfabética – atividade envolvendo os diversos portadores de textos, textos coletivos, relacionarem discurso oral e texto escrito.

Segundo Duarte (2000), nos anos 80/90 a ideia que o construtivismo seria algo “novo” na prática educacional desempenhou uma importante propagação. Assim o construtivismo nos anos 80 expandiu-se pelas escolas atingindo educadores e estudiosos da área e perdura até hoje.

“... A orientação para o futuro aliena-se e transforma-se em moda, na necessidade de não ficarmos atrasados em relação aquilo que esteja na moda, ao que existe de novo na nossa sociedade. Portanto, a moda e os modismos são sempre e necessariamente fenômenos de alienação. A partir de segunda metade da década de 1980, este ideário começou a ganhar simpatia e, assim, uma rápida e significativa adesão, por parte dos nossos educadores e estudiosos da área, repercussão esta que, no nosso entender, perdura até os dias de hoje.” (DUARTE, Newton. Sobre o construtivismo, Autores associados. 2000. P. 6-7).

Diante desta pesquisa, lendo relatos, percebemos que apesar do uso dessa corrente nas salas de aulas serem praticadas até mesmo por aqueles que não se aprofundaram nessa teoria, há uma enfática prosperidade em relação à aprendizagem das crianças. Isso nos mostra que os fundamentos de Emília e Anna Teberosky valem a pena a ser praticados.

O construtivismo é uma proposta pedagógica onde o aluno constrói seu próprio conhecimento. Esse conhecimento tem que ser estruturado anteriormente para que haja uma cognição no processo dessa construção. Na perspectiva construtivista de aprendizagem, o conhecimento não é, para ser consumido, posto para dentro em doses controladas, mas algo a ser produzido, constituído pelo aluno enquanto sujeito da aprendizagem e não como objeto. O conhecimento é organizado e estruturado a partir da vivência e experiência, que resulta também das condições inatas da criança. Segundo Piaget o conhecimento se constrói e não se transmite. Aprender é modificar. O professor para alfabetizar deve trabalhar objetos com significado que façam parte do mundo da criança, proporcionando situações e estimular o raciocínio para que ela construa os seus próprios conceitos (UFPB/FUNAPE, 1998).

É sabido que o processo de alfabetização é diversificado e complexo, uma vez que alfabetizar está associado a condicionamentos sociais, culturais e

políticos, de onde partem a escolha do material didático e não na definição de objetivos e a formação do professor. Quanto ao método, qualquer um pode ser eficaz, depende como o professor se familiariza levando em consideração as circunstâncias e a participação do aluno, havendo uma interação em todo processo do educador e do educando.

A grande difusão dessa corrente é por vezes contestada através da afirmação de que o discurso e a prática da maioria dos educadores (mesmo aqueles que se apresentam como construtivistas) não correspondem ao modelo teórico do construtivismo. Mesmo assim o construtivismo teve e tem uma ampla difusão e uma grande aceitação pelo público educador em geral e que conseguiu e ainda consegue, apesar das críticas que vem sofrendo, conquistar muitos adeptos.

O construtivismo não tem técnicas de como estimular a aprendizagem e nem estratégias de ensino, mas propicia o entendimento do aluno. Pois propõe a criança desafios possíveis a serem superados, tanto o professor como o aluno aprendem. A criança organiza seus pensamentos, aprendem a pensar sozinhas e posteriormente vai saber dirigir seus próprios escritos dentro de uma visão de mundo valorizando a importância do outro e seu meio social (SEBER, 2003).

Psicólogos construtivistas defendem que a tese principal está focada em: aprender não é uma cópia que seja emitida. Existindo várias formas de interpretar os processos de construção dessa aprendizagem. A aprendizagem é comparável a uma viagem, E conforme esse método essa viagem pode torna-se prazerosa ou tediosa.

É ilusão dizer que o aluno pode passar do estado de ignorância para o estado do conhecimento num curto intervalo de tempo numa sessão de aula. Toda aprendizagem é inerente a processos tanto para o professor quanto para o aluno e fugindo dessa realidade leva ao fracasso, provocando ambos a um sentimento pessimista e de impossibilidade.

"A aprendizagem também é um caminho. Podemos abreviá-lo nas páginas de livros, transformá-lo em uma aventura ou em uma viagem organizada. Os resultados serão muito diferentes, conforme o método escolhido, assim como o nível do prazer ou de tédio que experimentamos através dele. A aprendizagem construtivista é a que mais se parece com uma aventura intelectual..." (SILVA, 2007, p. 40-41).

Quando aprendemos é porque houve uma transformação; teve um tempo para ser processada e se não levarmos em conta esse tempo, essa transformação não ocorre e se o aluno for forçado não haverá aprendizagem e sim uma memorização sem compreensão. Sendo assim, o aluno não tem capacidade de utilizar essa “aprendizagem” fora do contexto em que adquiriu nem, tão pouco haverá mudanças intelectuais que normalmente ocorre quando verdadeiramente acontece uma real aprendizagem.

Piaget fez um trabalho no qual procurou entender como se desenvolvia a inteligência humana. Em seus estudos, verificou-se que todos nós temos possibilidade de aprender fazendo relações entre diferentes informações (classificar, comparar, deduzir...) e que estas estruturas se desenvolvem do início até o fim da vida e este desenvolvimento tem tudo haver com a interação do objeto de conhecimento e com as outras pessoas e que o nível do saber construído fica mais complexo devido a essa interação. Esse ser estruturado é que tem essa possibilidade de desenvolver essa inteligência mediante essas interações e que chamamos de sujeito epistêmico (FERNANDES, 2010).

Piaget explica através dos seus estudos o aparecimento de inovações, mudanças e transformações do desenvolvimento intelectual assim como os mecanismos responsáveis por estas transformações. Por tudo isso, sua teoria é classificada como construtivista. Ele não desenvolveu uma teoria do processo de ensino aprendizagem, mas formulou referências claras que, na década de 80, foram utilizadas por Emília Ferreiro na elaboração de sua teoria sobre a aprendizagem da escrita.

Cada um que aprende conhece e se conhece, é porque empregou algum mecanismo da aprendizagem. Emília entende que a aprendizagem da escrita é evolutiva e que essa aprendizagem é relativamente tardia em relação que, a escrita representa a fala. Outro aspecto importante nesta evolução refere-se ao aspecto conceitual da escrita, onde devemos valorizar em sala de aula, as histórias ouvidas e contadas pelos alunos e também às tentativas deles escreverem nomes e bilhetes. Essas atividades são muito importantes no processo, pois abre espaço para o uso social da linguagem, sendo preciso deixar a criança em situação de aprendizagem e

que ela mesma utilize suas elaborações sobre essa linguagem, mas que não seja obrigada a exigência do domínio da norma culta.

Portanto de maneira geral, a construção pessoal além de proporcionar o novo conhecimento facilita futuras novas aprendizagens, pelo fato que o sujeito aprende estratégias intelectuais que estão enraizadas no seu consciente e que lhe serão úteis em todas as aprendizagens da sua vida, graças à sua capacidade de generalizar essas estratégias.

Segundo Telma Weisz (2000), a um certo tempo atrás, para aprender a ler era necessário conhecer o valor sonoro de cada letra ou saber juntar uma letra a outra. Atualmente, depois dos estudos da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky é preciso conhecer as características da linguagem escrita que mudam conforme o gênero do texto.

Diante disto, Telma se preocupa com a maneira da grande maioria dos professores, que continuam alfabetizando pelo método tradicional que segundo ela é terrivelmente cego e empobrecedor, onde o ato de ler e escrever não faz sentido. O professor apenas reproduz a sequência que estar na cartilha: leitura, cópias, treinos de famílias silábicas.

Segundo Telma, quando o aluno é alfabetizado desse modo, as conseqüências são as piores possíveis. Infelizmente durante os anos do ensino fundamental a maioria dos professores não ensina ler diferentes tipos de textos.

Ela fala do trabalho fantástico de Emília Ferreiro que mostrou como todos nós damos os primeiros passos no mundo da escrita e como as idéias vão sendo progressivamente transformada pelo próprio esforço de entender esse sistema. O aluno constrói seu próprio conhecimento. Quando o professor sabe disso, deve observar os trabalhos dos seus alunos e entender em que momento do processo cada um está. Quando o professor se conscientiza desse ensinamento é possível o aprendizado correto. Alfabetizar no Tradicional não leva em conta o conhecimento que cada criança domina. As crianças são tratadas todas iguais, ocas, vazias a ser preenchidas.

“Quando a criança tem a possibilidade de participar ou mesmo observar situações em que a escrita e sua linguagem específica estão presentes, ela vive num ambiente alfabetizador” (Telma Weisz, 2000). A escola tem que saber que criança aprende fora da sala de aula.

Os professores da primeira série tem que saber que, no início do processo de alfabetizar, a criança acredita que a escrita está ligada a desenhos. Depois compreende que é preciso usar letras, mas muitas vezes associa o número de letras à quantidade de sílabas. Chegar à fase alfabética e entender para formar o som “ba” são necessários duas letras, é um estágio importantíssimo, mas não o final.

Quando se ler textos verdadeiros como livros, jornais e revistas e que vai se aprofundando o conhecimento a respeito da ortografia e pontuação. Não aqueles inventados para ensinar a ler.

Muitos professores, segundo Telma, conhecem a ideias de Emília, mas infelizmente isso não reflete na sua prática de sala de aula.

Apesar das ideias sobre alfabetização ter sido desenvolvido por Emília Ferreiro há mais de vinte anos, nem em outras, na área da linguagem, nada foi construído depois. E isso foi um acontecimento histórico.

“... Na área da aquisição da linguagem escrita, nada foi construído depois. Não se faz uma revolução conceitual todo o mês. É uma mudança de paradigma que acontece em intervalos de tempo muito grande. Quando li Psicogênese da Língua Escrita tive a sensação de estar diante de um acontecimento histórico”.

“... Os estudantes lêem textos sobre Emília Ferreiro na Universidade, mas tem orientações mínimas, absolutamente insuficientes, sobre o que fazem em sala de aula. Quando chega a escola para lecionar, acabam se pautando pela tradição. O que guia suas mãos é a prática de quem os formou do jeito errado” Telma Weisz (PELLEGRINI, Denise. Entrevista-Telma Weisz. Revista nova escola. Nº 129, 2000. P.9-10).

Quando a criança desde cedo tem interação com lápis e papel, brincando, ela começa a atividade de “escrever” e desenvolve a escrita. A atividade de desenhar envolve dimensões representativas e quando ela chega à escola ela dispõe um amplo vocabulário que lhe viabiliza expressar oralmente suas ideias, sentimento, interesses desejos e necessidades. Andrea Rapoport diz: “Em seus

enunciados, explicita seu conhecimento acerca da estrutura básica que rege seu idioma. Possui também concepções sobre os usos e significados da leitura e da escrita, bem como já consegue fazer representações gráficas do código escrito”.

Segundo ela, a criança quando faz seus desenhos, suas garatujas ela já tem consciência dos seus significados e sentidos da linguagem e reconhece que essa linguagem é um dos principais elementos mediadores nas relações sociais. É necessário que a escola propicie um ambiente alfabetizador que lhe possibilite interagir com diferentes portadores de textos, vivenciar as diversas linguagens, refletindo sobre a função de cada uma delas. “Os espaços e tempos escolares precisam ser organizados em rotinas flexíveis que viabilizem a livre expressão, o acesso a diferentes materiais e a vivência de experiências individuais e coletivas, livres e dirigidas” (Andrea Rapoport, 2009, p. 45).

“Sendo assim, a construção da linguagem escrita não se reduz a uma mera habilidade motora e tampouco a um processo de decodificação, visto a partir de uma perspectiva associacionista entre unidades desprovidas de significado. Enquanto um processo discursivo, a construção prescinde da compreensão, por parte da criança, dos usos, significados e sentidos da linguagem, reconhecendo-a como um dos principais elementos mediadores nas relações sociais, principalmente nas sociedades letradas” (Rapoport, Andrea. A criança de 6 anos no ensino fundamental. Mediação. p. 45. 2009).

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A questão do método na pesquisa em Ciências Sociais referindo-se à educação tem sido objeto de inúmeras discussões e produção de vários textos no sentido de esclarecer sua relevância para o enfrentamento dos problemas educacionais de uma maneira geral. Uma das principais preocupações tem sido que caminhos e instrumentos devem ser utilizados para aumentar o grau de precisão e confiabilidade dos resultados da pesquisa. Com esse intuito, optamos por priorizar a abordagem qualitativa usando como instrumento de coleta de dados o questionário escrito estruturado.

A coleta dos dados foi realizada no mês de Setembro de 2011 através de um questionário (Ver em Anexo) constituído por 10 questões objetivas no qual permitia que ao final os professores pesquisados expusessem sua opinião. Realizamos também, uma entrevista não estruturada que tinha o intuito obter informações mais detalhadas sobre o processo metodológico de cada professor.

A revisão bibliográfica sobre o tema também foi decisiva, pois ficou evidente que a literatura sobre alfabetização na corrente Construtivista é bastante rica. Optamos por investigar os professores da Educação Infantil ao terceiro (3º) ano do Ensino Fundamental das Escolas Públicas (Municipal e Estadual) da zona urbana de Coronel Ezequiel – RN. Portanto, os sujeitos potenciais deste estudo foram definidos como aqueles professores que regularmente lecionam nas séries citadas acima. Foram distribuídos e respondidos um total de dezoito (18) questionários.

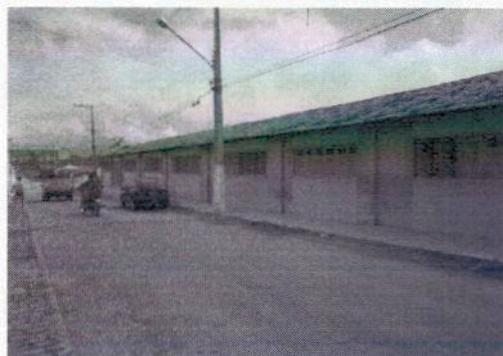


Foto 1: Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes
Coronel Ezequiel – RN

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 2: Centro Educacional Infantil Mundo Mágico
Coronel Ezequiel – RN

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 3: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
José Joaquim

Coronel Ezequiel – RN

Fonte: Arquivo Pessoal



Foto 4: Sala de aula do Centro Educacional Infantil Mundo
Mágico

Coronel Ezequiel – RN

Fonte: Arquivo Pessoal

O município de Coronel Ezequiel está localizado na microrregião da Borborema Potiguar, na zona Agreste, no sul do estado, estando exatamente a 146 km da capital (Natal) e a 128 km da cidade de Campina Grande-PB. O município possui uma população estimada em 5.405 habitantes (Censo 2010) e uma área territorial de 185,75 km² com uma altitude de 650 m acima do nível do mar o que proporciona à cidade um clima agradável. Em termos econômicos a cidade é conhecida pelo potencial da fruticultura, tornando-se o maior produtor de maracujá do RN juntamente com Jaçanã. Contudo, sua economia é pobre, pois se baseia essencialmente na cultura do maracujá, caju, lavoura de subsistência (cujo excedente é comercializado) e programas sociais dos governos. Em termos turísticos, Coronel é propício para aulas de campo e passeios, graças as suas belezas naturais (cachoeiras, cavernas, açudes entre outros).



Foto 5: Vista do Centro da Cidade de Coronel Ezequiel – RN

Nossa intenção ao utilizar o questionário objetivo como recurso metodológico foi garantir que as respostas fossem realizadas com a maior veracidade, uma vez que não fora necessária a identificação do pesquisado em momento algum. Essa abordagem pareceu-nos a mais adequada dada à especificidade do problema enfocado, pois apesar dos limites deste tipo de observação, conseguiria garantir uma maior discrição do informante.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos questionários respondidos, obtivemos informações diferenciadas não só pelas realidades diversificadas, mas também pela disponibilidade em responder as questões, que de um sujeito para outro era diferente. Além disso, observamos que quando a pergunta formulada dizia respeito a questões pessoais, como por exemplo, se acha importante que os alunos decorem os nomes das letras do alfabeto, o sujeito informante mostrava-se mais reticente, pois se tratava de justificar uma decisão que aparentemente fora particular.

Compreendemos que as escolas de educação infantil propiciem concepções metodológicas adotadas por alguns professores da rede Municipal de Coronel Ezequiel – RN a partir de um olhar investigador coletados nas estatísticas.

O objetivo dessa pesquisa nos mostra que no processo de alfabetização das escolas do Município de Coronel Ezequiel RN, verificou-se que 88,89% dos pesquisados afirmaram que fazem uso das famílias silábicas no processo de memorização, como também de textos. (Figuras 1 e 2)



Figura 1 – Treino das Famílias Silábicas



Figura 2 – Realização de cópias de Textos

Os dados da Figura 3 referem-se à liberdade de criação que os professores permitem a seus alunos em expressar suas criatividade perante o processo de alfabetização. Observamos que 100% dos professores afirmam agir dessa forma. Tal atitude corrobora com Emília Ferreiro (1987) quando afirma que *“Nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua escrita. Elas não aprendem porque vêem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhes oferecem”*.



Figura 3 – Liberdade dos Alunos usarem a Criatividade

Todos os professores foram unânimes quando perguntamos sobre o rendimento dos alunos à medida que eles utilizam como metodologia da aprendizagem os materiais manipulados pelos alunos (ex: recortes de letras e/ou palavras); a utilização de ditado de palavras e a leitura e relato de histórias pelos alunos (Figuras 4, 5 e 6).



Figura 4 – Rendimento Quando se manipula materiais



Figura 5 – Adoção de ditado de Palavras nas Turmas



Figura 6 – Leitura e Relato de Histórias pelos Alunos

Ao perguntarmos pela utilização de alfabeto móvel como recurso metodológico para os alunos formarem palavras, verificamos que 88,89% afirmaram que utilizam com o intuito de ampliar o conhecimento das famílias silábicas pelos alunos bem como, para relacionar o som silábico com o significado do mesmo.



Figura 7 – Utilização do Alfabeto Móvel para Formação de Palavras

Ao perguntarmos sobre a psicogênese da língua escrita ao que se referem à análise da escrita dos alunos no início das aulas, todos os professores também responderam que o fazem (Figura 8).



Figura 8 – Análise da Escrita no Início das Aulas

Ao que se refere à utilização do ensino tradicional como metodologia positiva no processo de alfabetização, 11,11% dos professores afirmaram que não utilizam essa metodologia. Em contrapartida, 88,89% confirmaram o uso do método tradicional (Figura 9).



Figura 9 – O Ensino Tradicional como Resultado Positivo

Por fim, verificamos que 72,22% dos professores afirmaram que adotam como metodologia a memorização dos nomes das letras do alfabeto com o intuito de facilitar o processo de alfabetização das crianças (Figura 10).



Figura 10 – A Importância da Memorização dos nomes das letras do Alfabeto

De acordo com os resultados, corroboramos com Emília Ferreiro (1987) quando ela afirma que *"Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da construção do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa construção são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social"*.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da alfabetização de crianças não possui uma única forma metodológica de proceder, na verdade encontram-se múltiplos caminhos e alternativas que possam convergir a um processo satisfatório, independentemente da metodologia de cada professor, bem como, região onde eles se encontram, do perfil dos alunos, de fatores socioeconômicos e de vários outros fatores.

Através deste estudo, obtivemos informações para buscar compreender os procedimentos utilizados pelos professores no processo de alfabetização de crianças. Neste caso, optamos por ouvir um dos lados envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem, o professor, e percebemos que entre as justificativas e entrevista apresentadas para a utilização da sua metodologia trabalhada, muitas professoras sugerem conceitos que devem se analisados neta pesquisa, tais como: níveis socioeconômicos dos alunos, professores e os aspectos pedagógicos adotados pela Secretaria Municipal de Educação.

Entretanto a maioria dos problemas existentes no processo de alfabetização de crianças foge as competências do professor e, todavia são difíceis de serem trabalhadas, entretanto podemos refletir sobre esses aspectos encontrados para podermos minimizá-los.

Por isso é necessário envolver a comunidade como um todo como nas políticas públicas para fomentar essa discussão e evoluir na redução do analfabetismo a partir da valorização e construção de uma identidade profissional do professor e do resgate da importância de seu trabalho para a escola e para a sociedade de uma maneira geral.

Os resultados denotam que todos os professores são do sexo feminino e todos adotam o método fônico e o construtivista, de forma simultânea, como importante ferramenta de aprendizagem. Dessa forma, verificamos que as escolas

de Educação Infantil de Coronel Ezequiel – RN são adeptas do método de alfabetização fônico (tradicional) e do Construtivista como parte integrante do processo de ensino aprendizagem sem grandes dificuldades para os alunos. Pois os gráficos nos mostram que dentre as 10 perguntas (5 construtivistas e 5 tradicionais), como resultado obtivemos 50% construtivistas e 50% das respostas tradicionais. Entretanto, verificamos problemas oriundos tanto do nível cognitivo dos alunos quanto de ordem pedagógica dos professores. Exemplo: recursos didáticos que a secretaria municipal não oferece. Neste sentido, as aulas devem procurar evoluir e, para isso, acreditamos que seja necessária a adoção de novos paradigmas que venham a possibilitar a superação de obstáculos conceituais e pedagógicos.

4.1 Algumas Sugestões

Faz necessário expandir esta pesquisa para outros estabelecimentos escolares, assim como para outros níveis de alfabetização, como exemplo, a alfabetização de jovens e adultos. Pois, com dados mais abrangentes, torna-se possível realizar um estudo mais detalhado sobre as metodologias de alfabetização de maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERÀ, Elena; BOLIVAR, Antônio; CALVO, José; COLL, César; FUSTER, Javier; GRAU, Ramon; LOPEZ, Anselmo; MANUEL, Jordi de; MARRERO, Magdalena; MOLLÁ, Josefa; NAVARRO, Maria. O construtivismo na prática. Artmed, São Paulo – SP, 2004.

BAZI, Giseli. As dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e suas relações com a ansiedade. Campinas – SP, 2000.

BECKER, Fernando. O que é construtivismo? Revista de Educação AEC, Brasília, v.21, n.83, p.7-15, abr./jun.1992.

BERNARDINO, Márcia. Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita na primeira série do Ensino Fundamental. Campinas – SP, 2007.

CARVALHO, Marlene. Guia prático do alfabetizador. Ática. São Paulo – SP, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. Scipione. São Paulo – SP, 2003.

CHAKUR, C. R. S. L.; SILVA, R. C.; MASSABNI, V. G. O construtivismo no Ensino Fundamental: Um caso de desconstrução. *Reunião Anual da ANPED*, 27. 2007. <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt20/t203.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2011.

DUARTE, Newton. Sobre o Construtivismo, Autores associados. São Paulo – SP, 2000.

EL-HANI, C. N.; BIZZO, N. M. V. Formas de Construtivismo: Mudança Conceitual e Construtivismo Contextual. 1999. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, 4 (1), 1-25. http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v4_n1/4113.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2011.

FERNANDES, E. O desenvolvimento da inteligência. *Revista nova escola*. Nº 238, 2010.

FERREIRO, Emília. Reflexões Sobre Alfabetização. Cortez. São Paulo – SP, 1987.

KRAMER, Sônia. Alfabetização, leitura e escrita. Ática, São Paulo – SP, 2010.

MARTINS, Maria Helena. Questões de linguagem. Contexto, São Paulo – SP, 1994.

MORAIS, Jacqueline. Alfabetização no Brasil: ainda um desafio. *Revista Espaço Acadêmico*, nº93, fevereiro de 2009.

MORAIS, Jacqueline. ARAÚJO, Mairce. Alfabetização e analfabetismo no Brasil: algumas reflexões. Rio de Janeiro – RJ, 2009.

MORTIMER, E. F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos?. Investigações em Ensino de Ciências. V. 1. 1996.

PIAGET, J. Epistemologia genética. Vozes, Petrópolis – RJ, 1971.

PELLEGRINI, DENISE. Entrevista-Telma Weisz. Revista nova escola. N° 129, 200. P.9-10.

RAPOPORT, Andrea. A criança de 6 anos no ensino fundamental. Mediação. Porto Alegre – RG, 2009.

SANTOS, Carla; SILVA, Maria; VIRGENS, Maria; FERNANDES, Nice. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Santos – SP, 2009.

SANTOS, Fernanda Marsano. Significações de construtivismo na perspectiva de professores “construtivistas” e sua relação com práticas avaliativas. Dissertação de Mestrado, UNB, Brasília – DF. 2007.

SEBER, Maria da Glória. Psicologia do pré-escolar: Uma visão construtivista. Scipione. São Paulo – SP. 2003.

SILVA, Mara Rodrigues da. Pós-Graduação de qualidade ao seu alcance, Facisa, Módulo - Temas transversais e práticas pedagógicas. 2007. p. 40-41.

UFPB/FUNAPE. Sec./PB e projeto Nordeste. O processo de leitura e da escrita na 1ª série. 1998.

ZUCOLOTO, Karla; SISTO, Firmino. Dificuldades de aprendizagem em escrita e compreensão em leitura. Poços de Caldas – SP, 2002.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO COM FOCO EM ENSINO - APRENDIZAGEM

Este questionário é uma peça fundamental desta pesquisa e destina-se a recolher informações sobre as práticas dos professores do ensino infantil ao 3º ano do ensino fundamental da rede escolar da cidade de Coronel Ezequiel-RN, no que respeita o uso ou não dos métodos de ensino tradicional ou construtivista. Este questionário é de preenchimento individual e as respostas de cada professor são anônimas e confidenciais. Desde já os nossos agradecimentos pela colaboração.

1. Você treina as famílias silábicas para os alunos?
sim () não ()
2. Você pede para os alunos fazerem cópias de textos?
sim () não ()
3. Você costuma deixar seus alunos "à vontade" para que eles possam usar sua criatividade?
sim () não ()
4. Quando você usa material que eles manipulam, por exemplo: recortes de letras ou de palavras, os alunos rendem mais nesse trabalho?
sim () não ()
5. Você costuma fazer ditado de palavras para a turma?
sim () não ()
6. Costuma ler e ouvir histórias dos alunos?
sim () não ()
7. Você usa o alfabeto móvel para eles formarem palavras?
sim () não ()

8. Como pedagogo, certamente já ouviu falar da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Você procura analisar a escrita dos seus alunos no início das aulas?
sim () não ()
9. Você acha que a maneira tradicional de ensinar dá algum resultado positivo?
sim () não ()
10. Você considera importante seu aluno decorar os nomes das letras do alfabeto?
sim () não()